

6.1. Epistemologias ciganas, interculturalidade e produção social dos sentidos: uma articulação decolonial no campo da comunicação & saúde.¹⁰⁶

Aluízio de Azevedo Silva Júnior
Técnico em Comunicação Social
Jornalista do Ministério da Saúde do Brasil
Professor no Curso de Artes Visuais
da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat),
aluizio.silva@saude.gov.br

Inesita Soares de Araujo
Professora do Programa de Pós-Graduação
em Informação, Comunicação e Saúde
da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Fiocruz)

Resumo. Esse texto informa alguns resultados de uma tese de doutorado que investigou os processos interculturais de comunicação e saúde, com enfoque na apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal. Evidenciamos os arranjos teórico-epistemológicos que tomou por base uma multireferencialidade de saberes que envolveu a articulação de quatro matrizes: os estudos culturais, os estudos semiológicos, os estudos decoloniais e a filosofia (de vida) cigana, que foi tomada como um quarto modo de produzir conhecimento, conceitual e epistemologicamente tão válida quanto as correntes científicas. Destacamos os conceitos centrais de cada matriz e os modos que os articulamos para a produção de um diálogo científico e inovador com as pessoas ciganas, reconhecendo que têm saberes acumulados, portanto, devem ser levadas em consideração, especialmente no que diz respeito à análise e à reflexão sobre a saúde cigana. A “Filosofia Cigana” se sustenta em narrativas que povoam as memórias e histórias orais e se fazem presentes na estruturação de elementos culturais, simbólicos e comunicacionais, de grupos ciganos brasileiros e portugueses da etnia Kalon, que são postos em prática e ensinados de geração em geração. Elementos que ancoram seus modos de ver e viver a vida, formas de organização social e de estar no mundo, que subvertem e/ou resistem aos modos capitalistas de vida e sua ênfase no consumo e no descarte do ser humano, assumindo valores de solidariedade e amizade. Assim,

¹⁰⁶ Este artigo foi apresentado e publicado nos Anais do Grupo Temático 5 Comunicação e Saúde do XIV Congresso da Associação LatinoAmericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIC), San José-Costa Rica, 2018.

descartamos a visão estereotipada da historiografia moderna de que seriam vagabundos, trambiqueiros, ou criminosos perigosos (ladrões, sequestradores, trapaceiros etc.).

Palavras-chave: ciganos; interculturalidade; decolonialidade; comunicação e saúde.

6.1.1 Os caminhos acadêmicos e o universo epistemológico e cultural cigano

Há uma tentativa, não de um genocídio físico direto, mas de erradicação dos ciganos, da cultura e das tradições e do simples dizer, da liberdade de dizer, “*eu sou cigano*”, sem qualquer medo e sem que se tema alguma repreensão ou que isso nos retire alguma valorização da nossa vida. (Maria Gil, in Silva Júnior, 2018, p. 164)

Enquanto ciganos, tivemos que aprender e saber o quanto nós somos resistentes! Então, isso é o lado mais positivo de toda condição de cigana: a consciência da nossa existência. Nós existimos sem um estatuto escrito e nós resistimos ao vosso sistema. (Maria Gil, in Silva Júnior, 2018, p. 350).

Os dois discursos são da militante portuguesa Maria Gil, uma “mulher e cigana”, como ela mesma costuma dizer nos eventos em que participa. Utilizadas para subsidiar a escrita de uma tese de doutorado¹⁰⁷ – de onde emerge esse texto –, as narrativas revelam dois lados de uma mesma moeda: a colonização e exclusão das comunidades ciganas nesses dois países e a resistência a essa investida.

A relação entre Brasil e Portugal, ou seja, entre os povos que se confrontaram no espaço colonial brasileiro e/ou no espaço moderno português, desde o início do século XVI, produziu traumas históricos nos povos não-europeus, que sofreram todo tipo de violência física e simbólica. Portugal desenvolveu uma série de estratégias de colonização do poder, do ser e do saber, como o racismo, o machismo, a exploração de trabalhadores, a apropriação de terras, o escravismo, entre outras, mantendo nações não-europeias em situação de colonialidade (QUIJANO, 2005).

Com a articulação da ciência, das artes, das mídias e das armas, construiu-se um mito de geopolítica colonial, travestida de modernidade e progresso, em que a Europa e o padrão capitalista-branco-europeu-hetero-cristão está no topo da evolução da história humana e todos

¹⁰⁷ “Produção Social de Sentidos em Processos Interculturais de Comunicação e Saúde: a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal”. Tese defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação de Informação e Comunicação, Instituto de Comunicação e Informação em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz., Rio de Janeiro, Brasil.

as outras formas de relações entre os povos não-europeus e suas formas de organização social, cultura, maneiras de ser e viver, estão atrasadas, são primitivas, não-humanas, podendo ser dominadas ou excluídas. Uma realidade que não cessou com o fim do colonialismo histórico e perdura até os dias de hoje. Tal situação se aplica às pessoas e comunidades ciganas, que foram vítimas das mesmas estratégias de colonização utilizadas contra negros e indígenas.

A opressão das comunidades ciganas - ou anticiganismo - é uma construção histórica. Desde quando os primeiros grupos ciganos chegaram em território europeu, por volta do ano mil, foram vítimas de inúmeras políticas persecutórias e excludentes. Em Portugal, a população romani se faz presente desde o fim do século XV, onde sofreram tentativas de genocídio ou assimilação, por meio de uma variedade de leis, penas e castigos, que iam desde a proibição de falar a língua, andar juntos, ler a sorte, até ao assassinato, prisão, castigos corporais, degredo colonial (nas galés), inclusive para o Brasil - aliás, a forma com que chegaram em terras tupiniquins (Moonen, 2011).

Em solo brasileiro, durante ou pós o período do colonialismo histórico, as comunidades ciganas foram vítimas históricas das mesmas políticas persecutórias e colonialistas, sofrendo diversas formas de violência física como assassinatos, castigos, prisões etc. e violência simbólica, como processos de epistemicídio ou identidadecídeo (Santos, 2002), bem como estereotipação e racismo. Desta forma, atualmente, no Brasil ou em Portugal as pessoas romani encontram-se, em sua maioria, em situação de pobreza e desigualdade social (Moonen, 2011; Magano e Mendes, 2013), o que do ponto de vista da comunicação se efetiva por meio do silenciamento e da invisibilidade e do ponto de vista da saúde pública, se expressa pelo negligenciamento e iniquidades.

Por outro lado, os grupos ciganos - uma infinidade de pequenas e médias comunidades pertencentes a três grandes grupos étnicos, os Rom, os Sinti e os Kalon, que juntos somam entre 12 a 15 milhões de pessoas, espalhadas por todos os continentes - mantiveram uma sofisticada filosofia de vida, que opera como uma epistemologia, com saberes e sistemas de organização e identificação/diferenciação socioculturais próprios, que lhes permitiram resistir (ao menos em parte) ao modo de vida ocidental capitalista.

Essa “Filosofia Cigana” se sustenta em narrativas e discursos mitológicos que povoam as memórias e histórias orais e se fazem presentes na estruturação de elementos culturais, simbólicos e comunicacionais, de grupos ciganos brasileiros e portugueses da etnia Kalon, que são postos em prática e ensinados de geração em geração. Elementos que ancoram seus modos de ver e viver a vida, formas de organização social e de estar no mundo, que

subvertem e/ou resistem aos modos capitalistas de vida e sua ênfase no consumo e no descarte do ser humano, assumindo valores de solidariedade e amizade (Silva Júnior, 2009).

Nesta compreensão, descartamos a visão da historiografia moderna de que seriam vagabundos, trambiqueiros, ou criminosos perigosos (ladrões, sequestradores, trapaceiros etc.). E propomos um diálogo científico inovador com pessoas ciganas, reconhecendo que têm saberes acumulados, devendo ser levadas em consideração. O intuito foi viabilizar uma oportunidade para que elas mesmas contassem as suas versões sobre o tema e as problemáticas a que nos propusemos estudar e que estão vinculadas a alguns contextos históricos, como: a implantação das sociedades democráticas, a emergência dos Direitos Humanos após a II Guerra Mundial e o nascimento de um movimento político cigano organizado, que passou a pressionar por melhores condições de vida e cidadania.

Tanto no Estado lusitano como no brasileiro, os movimentos ciganos começaram a se estruturar com o estabelecimento de suas Constituições Federais pós governos ditoriais (1974 e 1988), que garantem direitos e princípios básicos a todos os cidadãos, independente de origens étnicas. Desde então, teve início um processo de implantação de políticas públicas de integração em vários setores como saúde, educação, trabalho, habitação, entre outros, abarcando diferentes grupos periféricos, incluindo as minorias étnicas ciganas.

O Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil e o Sistema Nacional de Saúde (SNS) em Portugal são políticas públicas que abrangem as comunidades romani. Tomando por base princípios como a universalidade, a integralidade e a equidade, normatizam o atendimento à essas etnias, teoricamente reconhecendo suas especificidades culturais e tradições. Contudo, a relação intercultural entre as pessoas ciganas e os serviços de saúde é permeada por conflitos. Pelo menos por dois ângulos as pessoas ciganas enfrentam problemas graves de saúde pública. Por um lado, possuem modos diferentes de se colocar no mundo e práticas milenares sobre a saúde, o que lhes causa problemas com o racismo institucional, que ignora o princípio da equidade; por outro, são historicamente negligenciadas e em situação de desigualdade social e racial, privados dos direitos humanos básicos.

Nos serviços públicos de saúde no Brasil registramos a inadequação da comunicação voltada para os cuidados de prevenção e promoção à saúde de populações negligenciadas, caso dos ciganos. Serviços e profissionais da saúde não levam em consideração, que nesse processo, entram em cena diferentes formas de saberes e cosmovisões de mundo distintas, que se cruzam no âmbito da saúde pública, quando a tradução, a mediação, a negociação e sobretudo a comunicação deveriam emergir como fatores fundamentais para que as políticas pudesse chegar ao conhecimento e serem devidamente apropriadas pelos grupos ciganos.

Na pesquisa qualificamos essas constatações, aprofundando o olhar sobre a articulação, na prática dos serviços de saúde, das lógicas de negligenciamento e iniquidade em saúde aos estereótipos e racismo históricos contra as pessoas ciganas. Qual a possibilidade de garantir o acesso diferenciado com equidade, integralidade e participação em saúde que as políticas buscam assegurar? Qual o lugar da comunicação nesse cenário, um lugar que dificulta ou facilita esse processo?

Articular um referencial capaz de fazer frente a essa problemática, que entrelaça múltiplas dimensões, requereu esforços interdisciplinares. Seguimos a orientação de Nestor Garcia Canclini (2004, p. 13), segundo o qual, para aplicarmos uma teoria da interculturalidade, é preciso trabalhar três processos políticos/modelos de existência: a) as desigualdades, vinculadas à sociologia, cujos teóricos costumam deter-se a observar os movimentos que nos igualam e os que aumentam a disparidade; b) as diferenças, que têm sido tratadas pela antropologia, que se preocupa com o que tem nos homogeneizado; e c) a desconexão, um campo privilegiado dos comunicólogos, que tendem a pensar diferenças e desigualdades em termos de inclusão ou exclusão, ou conexão e desconexão.

Partindo desse entendimento, propomos a articulação de quatro referenciais teóricos que possibilitassem uma visão crítica multidimensional sobre as políticas públicas de saúde para ciganos: 1) os estudos decoloniais, a partir da teoria das Linhas Abissais, de Santos, para analisar as desigualdades; 2) os Estudos Culturais Latino-Americanos, especialmente com Canclini e Bhabha, com foco nos conceitos de mediação, hibridação, identidade/diferença e interculturalidade, para pensar as questões das diferenças; 3) a Semiólogia dos Discursos Sociais, principalmente com Bakhtin (1989, 2002), Araujo (2002) e Pinto (2002) para pensar a questão comunicacional e as teorias da conexão/desconexão, ou inclusão/exclusão.

A quarta matriz componente dessa articulação teórica foi a da filosofia cigana. Ancoramos esse diálogo na proposta anticolonial, anticapitalista e antipatriarcal de Santos, que propõe um novo modo de produção do conhecimento, as Epistemologias do Sul, cujo cerne está na valorização, validação e diálogo com os conhecimentos e saberes de povos, grupos e comunidades excluídos pelos processos de colonialismo-capitalismo, mas que ainda assim, mantêm identidades de resistências e modos alternativos de vida a estes sistemas opressores.

6.1.2 Uma articulação multirreferencial para a análise da saúde cigana

Os estudos decoloniais auxiliaram na compreensão crítica de dinâmicas dos processos sociais e políticos em tempos de globalização neoliberal e “pós-colonialismo” – com as

ambiguidades e contradições que os termos evocam. O pensamento pós-abissal de Santos fortaleceu a análise comunicacional em vários pontos, subsidiando nosso olhar sobre a desigualdade socioeconômica na crítica ao movimento de globalização e ao paradigma hegemônico da ciência moderna, que reforçam o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado.

Sua proposta nos forneceu categorias analítico-operacionais fundantes na discussão que desenvolvemos acerca das políticas de saúde: linhas abissais, Epistemologias do Sul, sociologia das ausências, sociologia das emergências, ecologia de saberes e de reconhecimentos. As considerações que Santos (2007 e 2016) tece acerca dos epistemicídios e identidadecídios enfrentados por grupos excluídos, como os Romani, dialogaram com os conceitos de silenciamento e de invisibilidade, ajudando a desvelar iniquidades presentes na saúde cigana.

Efetivamos um diálogo Sul-Sul de duas faces: a) uma epistemológica, por meio da aplicação da ecologia de saberes, que culminou na construção de conhecimento compartilhado entre saberes científicos e saberes ciganos, no reconhecimento de que as pessoas romani têm acumulado um conhecimento sobre o mundo, expresso pelos valores identitários e culturais, modos de ver e viver, ser e olhar; e b) tal arranjo nos abriu a oportunidade de intervenção na realidade para o estabelecimento de um intercâmbio intercultural e interpolítico, primeiro entre duas comunidades brasileiras e depois entre os movimentos ciganos brasileiro e português, auxiliando na compreensão mútua de contextos periféricos, perseguições e no histórico de resistência, lutas e demandas, que influenciam a saúde cigana.

Da matriz dos Estudos Culturais (EC), nos apropriamos das teorias da mediação, por meio da matriz de mediações de Araujo (2002), do conceito de hibridismo, em Bhabha (1998) e das categorias de interculturalidade/hibridação com Canclini (2004). Esse feixe teórico-conceitual ancorou o nosso lugar teórico-político em favor das comunidades ciganas, que olha para as questões da diferença, mas sabe que ela é complexa, que precisa ser analisada desde uma perspectiva “inter” ou “entre”, considerando as categorias de identidade, de cultura, de diferença e de conflito, como questões ‘teórico-metodológicas e de cunho político, desvelando que a equidade e a igualdade racial são fundamentais para a cidadania.

A matriz dos EC, nos trouxe a compreensão de que a comunicação tem de ser percebida como um produto simbólico, que se configura nas relações interculturais, zonas fronteiriças de contatos e disputas (Canclini, 2004), sendo permeada por múltiplos fontes de mediações como a cultura, a religião, a história e fatores como as motivações e os interesses, as relações pessoais e grupais, as competências, as nomeações e classificações, os dispositivos e práticas,

as leis e normas (Araujo, 2002). Partir desta ótica nos permitiu compreender o caráter político das identidades ciganas e suas estratégias de resistências identitárias como saberes.

Já a teoria da produção social dos sentidos, na perspectiva da Semiologia dos Discursos Sociais, nos ancorou na compreensão da comunicação como um processo multidimensional, multirreferenciado, multicêntrico e multilinear, que permeia um circuito produtivo operado por redes discursivas e pondo em circulação discursos concorrentes (Pinto, 2002). Especificamente, a análise da apropriação das políticas de saúde para ciganos teve ancoragem em um modelo teórico que se filia tanto à semiologia social, quanto aos EC: o modelo da Comunicação como Mercado Simbólico¹⁰⁸. Constructo de Inesita Soares de Araujo (2002), o modelo foi desenvolvido sob a ótica da semiologia para promover "uma compreensão da dinâmica que rege a prática comunicativa no campo das políticas públicas" (Idem, 2002, p. 248).

Nessa concepção como um mercado simbólico (Araujo, 2002), a comunicação ocorre em três movimentos articulados: a produção, a circulação e o consumo (ou apropriação), de natureza sempre contextual, onde múltiplas vozes entram em disputas pelo poder simbólico, o poder de "fazer ver e fazer crer" (Bourdieu, 1998). Essa perspectiva possibilitou olhar o cenário da exclusão a partir das estratégias e táticas pelas quais as pessoas ciganas se movem no mercado simbólico da saúde cigana, buscando encontrar melhores "lugares de interlocução" (Araujo, 2002).

Por outro lado, possibilitou ancorar uma crítica às políticas públicas na área da saúde para os ciganos, entendendo que – enquanto manifestadas pela prática da comunicação social – elas só se concretizam, de fato, quando atendem de maneira adequada aos três ciclos do processo comunicativo, chegando a ser apropriadas pelas pessoas ciganas o que, normalmente, não ocorre, visto que este processo tem sido negligenciado no campo da saúde pública e da comunicação.

Nosso quarto modo de pensar as problemáticas e objetivos estabelecidos, que é conformado pelos modos de olhar e ver dos ciganos, é calcado na filosofia cigana, que apresenta outras formas de estar no mundo e viver a vida, diferentes do modelo ocidental (Silva Júnior, 2009). Esta não é a visão da ciência hegemônica, que submete tais vozes a estratégias de estereotipação ou estigmatização, emudecendo-as ou invisibilizando-as (Santos, 2002).

¹⁰⁸ O modelo do mercado simbólico reúne uma formulação teórica, uma representação gráfica e uma matriz de mediações, que foram convocados em distintos momentos da tese, na medida da necessidade de composição do diálogo com outros autores.

De modo geral (e reconhecemos a existência de exceções), os sujeitos das pesquisas nas ciências sociais, especialmente os de grupos excluídos, são representados de acordo com as teorias que sustentam o discurso supostamente neutro e verdadeiro do pesquisador, propriedades e capacidades de auto representação que, por falta de teorias e conceitos, eles não teriam (Santos, 2017). Desqualificadas historicamente, tais vozes são admitidas – quando o são – desvinculadas da metodologia, apenas como ilustração dos pontos de vista defendidos.

Todavia, partindo de um diálogo transdisciplinar, multirreferencial e intercultural para a produção de um interconhecimento pós-abissal, consideramos os nossos sujeitos como interlocutores, como as pessoas com mais experiência e mais aptas a falar sobre e analisar a saúde cigana, estando eles presentes em todos os momentos da pesquisa. Reconhecemos que possuem experiência acumulada, têm o que falar e devem ser ouvidos com prioridade e credibilidade, posto que vivem num universo cultural que possui uma filosofia de vida que gera um saber de resistência, uma matriz teórica, capaz de analisar e criticar assuntos que dizem respeito não apenas ao tema da saúde cigana, como ao universo da globalização neoliberal.

As narrativas de nossos interlocutores estão ancoradas numa filosofia cigana, cunhada num rígido percurso, que têm anteparo nos conhecimentos tradicionais e são circulados e postos em prática no marco da oralidade, passados de geração em geração. Nessa construção, as narrativas na pesquisa dos nossos interlocutores ciganos, ganham reconhecimento, tornando-se tão válidas quanto às análises conceituais de outros teóricos com quem dialogamos e aplicamos na pesquisa.

6.1.3 A filosofia kalon e seu sistema de ação e organização sociocultural

MARIA DIVINA (RONDONÓPOLIS/BR): A tradição cigana ela é sábia. Ela é sábia. Ela é sabida. Ela não tem muito estudo. Não tem muito estudo, mas eu tenho a sabedoria de Jesus na minha cabeça. Eu conheço tudo na minha vida. Ando por conhecimento de Jesus, porque eu tenho muita sabedoria que Deus me deu. Eu não leio sorte e nem baralho, mas tudo que pertencer de remédio de Kalon, de cigano, eu sei e linguagem e tradição (in Silva Júnior, 2018, p. 346).

Consideramos os contextos existenciais como dos mais importantes para a compreensão da maneira como as pessoas ciganas se apropriam das políticas públicas de saúde. Na tese antes referida, a matriz cigana é apresentada no quarto capítulo, onde são evidenciados os principais contextos do universo cigano que influenciam na apropriação das políticas de saúde.

Consideramos os contextos existenciais como dos mais importantes para a compreensão da maneira como as pessoas ciganas se apropriam das políticas públicas de saúde. Portanto, vamos aqui privilegiar os contextos existenciais, apresentando aspectos culturais das comunidades ciganas kalon de Brasil e Portugal e sublinhando aspectos da filosofia kalon, do seu sistema de ação “*Lage no Mui*” e do seu sistema de organização social, que possibilitaram táticas de resistência e modos de superação dos racismos, estereótipos e preconceitos.

Enquanto os saberes científicos se baseiam na escrita, os saberes romani mantêm sua fundamentação na oratura: são regidos por uma filosofia oral, repassada de geração em geração, na experiência e na vivência. Daí a dificuldade de os representar adequadamente, posto que sempre escapará uma nuance, um mistério, um algo a mais que não cabe na escrita. Segundo, porque durante os últimos 200 anos o paradigma da ciência moderna tem silenciado ou apagado outras formas de conhecimentos que não aqueles considerados válidos pela ciência hegemônica (Santos, 2002, 2017), sendo responsáveis pela produção ou reforço de um saber estereotipado que fundamentou discursos coloniais de racismo e políticas anticiganas.

Ou seja, já existe um pré-conhecimento, ou melhor dizendo, um pré-conceito, estereotipado e racista sobre “os ciganos”. Na maioria dos estudos ciganológicos, há uma estrutura ou esquema parecidos, em que autores apresentam blocos de elementos simbólicos do que consideram ser a cultura ou a identidade romani e que funcionam como demarcadores que os tornam diferentes da cultura ou da identidade majoritária. Todavia, ao nos aproximarmos do universo, vemos que esses pacotes são recortados de uma comunidade, descontextualizados, rearranjados e apresentados como sendo válido para todas as etnias ciganas, como se fossem elementos homogêneos, além de caracterizar sua cultura como estanque e sem relações com o mundo externo a si, reforçando estereótipos sobre “ciganos”.

Os demarcadores culturais romani só fazem sentido, entretanto, se estiverem situados na filosofia cigana e seus modos de compreensão do mundo. As culturas ciganas não podem ser descritas enquanto entidades abstratas, sem pensar que por traz delas existam filosofias, que fazem funcionar sistemas de ação e de organização social, que servem de parâmetro para as identidades culturais que se manifestam.

Assim, consideramos que a produção social da kalonidade se estrutura como uma instância simbólica composta por três termos: a) uma filosofia de vida, a que denominamos de “olhar ampliado de mundo”, que contém e guarda as verdades últimas e basilares, que fundamentam os modos de olhar e ver a vida; b) um sistema de ação, que passamos a denominar de *laje no*

*mui*¹⁰⁹, que está ligado ao jeito de ser cigano; e um sistema de organização social, que chamamos de “viver em poesia”, este sim marcado por elementos e demarcadores culturais que, no conjunto, conformam múltiplas versões da cultura kalon; e c) essas múltiplas versões da cultura kalon, alimentadas pela filosofia de vida e o sistema de ação e organização social, estruturam diferentes identidades culturais ciganas, permitindo às pessoas desta etnia basearem seus sentimentos, comportamentos, gestos, ações, modos de ‘estar-no-mundo’, de ver, ser e viver.

A filosofia kalon guarda as verdades últimas e “valores básicos”, estruturando modos de viver, ser, agir e se comportar e éposta em prática pelos sistemas de ação e de organização social, muitas vezes articulados com base na oposição ou contraposição aos valores da sociedade dominante capitalista. Compostos por uma diversidade de elementos quase infinita; em conjunto com as identidades culturais ciganas, contêm os demarcadores simbólicos e as formas de ser e ter.

O sistema de ação é o responsável por fazer a ligação entre a filosofia kalon e o seu modo de ação e organização sociocultural; os dois são os responsáveis por fazer a ligação entre a filosofia e as identidades culturais que emergem na kalonidade. Esse conjunto conforma os modos de ser, ou o seu sistema de identificação e diferenciação, que estruturam as identidades culturais da kalonidade, que, estão mais próximas do diálogo e da hibridação com o mundo não cigano.

Todo este complexo é dado discursivamente, isto é, narrativa e mitologicamente; mas também, nos modos de estar, de se portar, nos comportamentos, nos gestos e no estilo de vida. A filosofia cigana não é só teórica e retórica, contendo importantes componentes práticos. Se é kalon, em gesto e ato, tanto quanto em narrativas e modos de se posicionar.

Na vivência kalon estes elementos estão entrelaçados e muitas vezes não são racionalizados desta forma pelas pessoas ciganas, mas intrometidos no acúmulo de experiência da comunidade a que se pertence. Se os dividimos é para melhor compreensão da produção social da kalonidade e como essas lentes culturais e filosóficas nos ajudaram na análise da saúde cigana. Como toda sistematização ou modelo que se torna escrito, é fixo e pode não ser o mesmo daqui a um tempo. Aqui damos ênfase à filosofia e aos sistemas de ação e organização social.

¹⁰⁹ *Laje no mui* traduz-se pela expressão “vergonha na cara”.

6.1.4 Olhar ampliado de mundo

WANDERLEY: Eu nunca fui um homem rico financeiramente. Sempre fui o que sou hoje, não tenho dinheiro, mas sou feliz, porque o dinheiro é uma coisa boa, ajuda muito nós, mas na verdade, não é tudo, tem coisas que superam o dinheiro. A minha felicidade ela é dentro de mim, 24 horas e o dinheiro às vezes, resolve algumas coisinhas, mas a verdadeira felicidade é a pessoa ter paz de espírito. As outras coisas você não vê muita necessidade nelas (in Silva Júnior, 2018, p. 348).

O olhar ampliado de mundo, se conforma pelo estoque histórico, cultural e mitológico (memória oral, mitos, narrativas, histórias exemplares), de conhecimentos sobre a vida e a existência, verdades que estruturam e configuram os modos de compreensão do mundo. A filosofia cigana é a “alma” da kalonidade, seus valores mais profundos, modos de olhar e ver. Núcleo central da kalonidade, ela se compõe ao menos quatro valores: 1) a cultura da paz; 2) a liberdade da alma; e 3) a amizade/lealdade (que interpreto como solidariedade); e 4) a valorização maior dos seres humanos em detrimento dos bens materiais e financeiros.

A narrativa de Wanderley aponta que um dos principais valores da filosofia kalon é *a paz de espírito*, que só pode ser alcançada pela abrangência de dois movimentos: o respeito à vida e à liberdade acima dos bens materiais. Ambos são conquistados por meio de uma dimensão interior, a liberdade do ser, “de alma”; e outra exterior, a liberdade do viver e do agir perante os outros, à alteridade, mas dentro dos parâmetros éticos do respeito, da honra e da vergonha, que trazem “paz na vida”.

Podemos observar esses elementos presentes em vários diálogos proferidos por distintos interlocutores ciganos no Brasil e em Portugal. Esta liberdade é conquistada pelas ações, gestos e palavras de respeito e de reconhecimento da vida e da própria liberdade como princípios fundamentais do/no/para o outro e para si mesmo. Não se trata da falsa liberdade que se expressa no mito romantizado do nomadismo cigano, mas que acaba por esconder que o nomadismo, não foi uma opção, mas uma imposição da sociedade majoritária.

Num plano mais concreto, o olhar ampliado de mundo compreende ainda o sistema de ação da kalonidade, que é um meio termo entre o gesto e a ação, isto é, os modos de agir e se (com) portar, se estruturando a partir de três valores principais: a honra, o respeito e a vergonha, que atuam nas “leis ciganas” tradicionais. Se efetivam na composição e nas relações intrafamiliares e intragrupais e são eles que definem o grau de prestígio de uma pessoa na comunidade kalon e no universo cigano, no diálogo e convívio com as outras etnias ciganas e com o mundo não cigano.

6.1.5 Viver em poesia

Se configura como a organização social em si, que se expressa primeiramente pela alta valorização à configuração familiar alargada e o respeito máximo a configuração que ela, seus rituais e papéis colocam, com destaque para o respeito às mulheres, às crianças, aos idosos e aos mortos; passando pelos modos de viver o casamento e o namoro; na citação da importância da espiritualidade e da fé; no passado comum de sofrimento e de perseguição; até chegar no trabalho tradicional com os negócios e a gambira; na intensidade e paixão dos sentimentos da vida, com alegria e festividade, música e dança, arte e poesia.

E se expressa também pela contraposição aos não-ciganos, como na mobilização do estereótipo reverso do ladrão ou bandido perigoso, ou na utilização da língua como uma estratégia de defesa. São esses elementos que configuram como demarcadores simbólicos em torno dos acontecimentos e fenômenos da vida. Eles se estruturam por um intrincado modo de ser, a kalonidade, que por sua vez se baseia numa postura ética, estética e epistemológica filosófica, que não apenas lhes permitiu resistir às perseguições históricas, como também sobreviver a todas as intempéries, mantendo vivos valores culturais, costumes e tradições.

O viver em poesia dos kalon é composto de inúmeros elementos. São os modos de viver e estar-no-mundo e de gerir a vida, símbolos, mitos e rituais, que se configuram como (de)marcadores culturais, que estão mais aparentes e são mais flexíveis, sujeitos à mudança e às hibridações, pelo que também costumam ser mais heterogêneos. Esses demarcadores permitem a existência dos sistemas de diferenciação e identificação e são o corpo desta concepção filosófica e deste estilo de vida, mais maleáveis e maior mobilidade.

Entram nessa categoria, por exemplo: a) uma organização sociocultural com base na família e o respeito a todos os papéis consanguíneos ou por aliança, costumes, tradições, rituais e mitologias, incluindo rituais mais marcantes da vida como o nascimento, o casamento e a morte; b) uma organização sociopolítica que se estrutura hierarquicamente pela idade, onde os mais velhos, os chamados tios e tias de honra, de respeito, de valor e de vergonha, são os responsáveis máximos pela aplicabilidade da filosofia e dos sistemas de ação e de organização social da kalonidade, das leis de aconselhamento e apaziguamento e do casamento; e c) a língua *romanon chib* como o principal identificador de outro kalon, como estratégia de defesa e diferenciador cultural dos não ciganos; que guarda resquícios das origens.

6.1.6 Ultrapassando fronteiras na produção do interconhecimento

A opção por esse caminho epistemológico e teórico híbrido, com a aplicação de quatro matrizes, nos possibilitou avanços epistemológicos e teóricos importantes na produção de um conhecimento emancipatório, dialógico e participativo. A produção de um conhecimento decolonial, que é ligado a um projeto de ação, ancorado nos Estudos de Cultura, com um olhar crítico semiológico e filosófico da cultura cigana.

O diálogo com os EC e a Semiologia se deu na adoção da perspectiva da comunicação como um mercado simbólico. Essa abordagem nos proporcionou aportes como a matriz de mediações e o conceito de lugar de interlocução, que nos possibilitaram identificar as comunidades discursivas e seus contextos, mapeando por onde flui o poder no mercado simbólico da saúde cigana.

Os estudos anticoloniais, representados pelo pensamento pós-abissal de Santos, que com a proposta das Epistemologias do Sul, nos permitiu compreender as exclusões e desigualdades sociais que atingem as comunidades ciganas no Brasil e em Portugal como resultados do colonialismo, do capitalismo e do heteropatriarcado. Ancorou nosso processo, ao reconhecer as pessoas e culturas ciganas como possuindo saberes próprios, ancorados na filosofia Kalon e produzidos na resistência a esses sistemas de opressão.

Com as Epistemologias do Sul, identificamos e amplificamos outros discursos ou narrativas sobre o mundo que não aqueles privilegiados pela modernidade capitalista, potencializando suas lutas e resistências. Com o seu entrelaçamento à comunicação como mercado simbólico, pudemos perceber e ouvir as vozes ausentes ou silenciadas e as suas demandas reprimidas. E nos permitiram concluir que a pesquisa em comunicação e saúde pode ser um instrumento de luta contra a opressão e a dominação capitalista, colonialista e heteropatriarcal e por melhores lugares de interlocução e contextos de saúde e de vida, se executada em conjunto e apropriada pelas pessoas ciganas.

Em termos de cultura cigana, pleiteamos que um dos principais ganhos tenha sido a maneira com que estruturamos os saberes tradicionais ciganos como uma filosofia de vida (Olhar Ampliado de Mundo), que guarda os valores mais básicos como a liberdade da alma e a paz de espírito. E se expressa por meio de um sistema de ação, o “*Laje no Mui*”, que orienta os gestos e ações dos kalon e outro de organização, a que denominamos de “Viver em poesia”, que se dá basicamente em torno das famílias extensas e comunidades ligadas por laços de parentesco, colocando em prática demarcadores simbólicos, para se diferenciar dos não ciganos.

Essa filosofia constrói-se por oposição ou hibridação aos valores da sociedade ocidental, tanto quanto as identidades e as culturas ciganas são negociadas e disputadas, internamente, dentro dos movimentos políticos ciganos e externamente, na influência que os Estados brasileiro e português vêm colocando em prática junto às comunidades ciganas, nas relações coloniais históricas de opressão, por meio do diálogo com seus movimentos sociais, ou nas relações interculturais na saúde.

Concluímos reconhecendo que a luta política pela conservação do universo cigano, é uma luta de resistência, uma estratégia das pessoas cigana para manter um estilo de vida em oposição ao modelo moderno de vida ocidental. A resistência contra a opressão do colonialismo e do capitalismo se dá por meio da manutenção das identidades culturais ciganas e seus valores filosóficos, costumes e tradições, que possuem outros modos de olhar a vida e de viver.

A visão da filosofia kalon coloca o ser humano à frente do dinheiro e dos bens materiais, ao oposto do capitalismo, que não consegue ver o mundo noutra ótica que não a material e nos convoca para, a partir do mundo acadêmico e do campo comunicacional, colaborar para entender e fazer ver suas possibilidades de negociação com o universo não cigano, na busca por reconhecimento, ao modo de Boaventura Souza Santos, do seu direito à igualdade, quando a diferença os inferioriza e os estigmatiza; e do direito à diferença quando a igualdade os descaracteriza. Na saúde, isso se traduz por igualdade no direito de acesso aos serviços e assistência, porém com respeito às suas diferenças culturais e as condições sociais, econômicas e políticas que determinam a saúde cigana.

REFERÊNCIAS

Araujo, I. S. (2002). Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder - um modelo de comunicação para políticas públicas. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Araujo, I. S. e Cardoso, J. M. (2007). Comunicação e saúde. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz..

Bakhtin, M. (2002). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec.

Bakhtin, M. (1981). Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bastos, J. G. P. (2012). Portugueses Ciganos e Ciganofobia em Portugal. Lisboa: Edições Colibri.

Bhabha, Homi K (1998). O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Bourdieu, P. (1989). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil.

Canclini, N. G. (2004). Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de la Interculturalidad. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A.

Magano, O. e MENDES, M. M. (2013). Ciganos Portugueses: olhares cruzados e interdisciplinares em torno de políticas sociais e projectos de intervenção social e cultural. Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI - Universidade Aberta (UAb). Lisboa: Latex Editor.

Moonen, F. (2011) Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil. Recife: PE. http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo_2011.pdf

Pinto, M. J. (2002). Comunicação e Discurso: Introdução à Análise de Discursos. São Paulo: Hacker Editores.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências Sociais: perspectivas Latinoamericanas, 117-142. Buenos Aires: Clacso.

Santos, B. S. (2017). Más alla de la imaginación política y de la teoría crítica eurocéntricas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 114, 75-116.,

Santos, B. S. (2016). Para uma nova visão da Europa aprender com o Sul. *Sociologias*, ano 18, nº 43, set/dez, 24-56.

SantoS, B. S. (2002). Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4a. São Paulo: Ed. Cortez.

Silva, A de A. (2018). Produção Social de Sentidos em Processos Interculturais de Comunicação e Saúde: a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal. Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em

Saúde. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz-

Silva, A. (2009). A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon”, 2009, 267p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação e Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

Sousa, C. J. S. (2013). Os Maias: Retrato Sociológico de uma família cigana portuguesa (1827-1957). Lisboa: Ed. Mundos Sociais.